

U. Lurdes Vanilda, com o filho Flávio: a vida é maravilhosa

11 MAI 1988  
11 MAI 1988  
11 MAI 1988  
*Alu P 19*  
**Uma mãe luta por excepcional**

**EDSON LUIZ DE ALMEIDA**  
Editor Nacional

“Quando resolvi enfrentar o mundo, com o meu filho nos braços — na época era chamado de aleijado, hoje temos um nome mais bonito, que é excepcional — foi muito difícil, senhores constituintes. Não foi nada fácil nem agradável, pois quando eu entrava num ônibus as pessoas se afastavam como se fosse doença contagiosa. As pessoas, as senhoras grávidas, os parentes, os esposos evitavam olhar para uma criança excepcional, porque era muito feio e perigava a criança nascer com problemas também, era o que diziam”.

Com declarações como esta — formulada na defesa de sua proposta, junto ao plenário da Assembléia Nacional Constituinte —, uma gaúcha de 51 anos, mãe de sete filhos, perambulava pelos gabinetes do Congresso Nacional numa odisséia que objetiva garantir, na nova Carta, um mínimo de assistência ao excepcional brasileiro.

Com frases assim — que levaram o senador Nelson Carneiro a lhe agradecer da tribuna por “esta lição de vida” ou o deputado Cunha Bueno a afirmar que “a simplicidade de sua palavra toca no fundo do coração de cada um dos brasileiros que a escutam” ou o deputado Chico Humberto a admitir que “a sra. conseguiu fazer esta Casa

ficar em silêncio e arrancar lágrimas dos olhos de muitos daqueles que aqui estão” —, dona Lurdes Vanilda Chemello Faviero promove sua maratona para que a nova Constituição assegure o pagamento de um salário mínimo mensal aos excepcionais carentes.

Mas o que levou esta mulher valente e afável a sacrificar seus afazeres domésticos — o marido esteve a ponto de pedir o divórcio — para se lançar num terreno desconhecido e inóspito como os labirintos do Congresso Nacional? Que força é esta que permitiu a uma dona-de-casa recolher mais de 48 mil assinaturas de apoio à sua emenda? De onde veio a disposição para tomar três ônibus de Porto Alegre a Brasília (não havia passagens em ônibus direto) para, acompanhada do filho excepcional, hoje com 28 anos, e da filha menor, de 11 anos, trazer as assinaturas e entregá-las pessoalmente ao deputado Ulysses Guimarães?

— A preocupação de todas as mães da minha idade é esta: “Com quem vai ficar o meu filho?” Então, após várias reuniões, concluímos que seria um alento, um alívio muito grande o salário mínimo para o excepcional — afirma dona Lurdes Vanilda. Ela diz mais: “Além de enfrentarem o problema emocional da tristeza de ver aquele que tanto amam naquela situação de isolamento da sociedade, ainda têm o dis-

sabor de saber que o seu filho nem sequer tem o direito de uma alimentação digna e assistência eficaz. Muitas mães desses excepcionais precisam trabalhar fora para ajudar os seus maridos no orçamento familiar. Com quem deixar o filho?”

Foi com esta obsessão que dona Lurdes Vanilda percorreu o caminho que separa Canoas (RS) da Constituinte. Ela se emociona ao lembrar do apoio que o radialista e deputado gaúcho Sérgio Zambiasi, através da Rádio Farrouplha, lhe ofereceu para conseguir as assinaturas à emenda. Ou de como o deputado Benedito Monteiro interferiu junto aos guardas para que ela pudesse levar as 48 mil assinaturas a Ulysses, pois seu filho Flávio não estava usando gravata.

Mas a luta não acabou. A proposta de dona Vanilda — embutida no inciso V do artigo 238 da Seção III da Assistência Social, que integra o capítulo I do título VIII da Ordem Social — deverá ser votada nos próximos dias pelo plenário da Constituinte. E por isto, ela percorre os gabinetes dos parlamentares e as entidades ligadas à questão em busca de apoio.

E ela está fazendo também um apelo público: que todos orem, tenham pensamentos positivos e ajudem como puderem para que o excepcional vença esta luta.

Oremos.

CORREIO BRAZILIENSE